

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE*

Joaquim de Fiore

Parte I

1. O livro do Apocalipse é o último de todos os livros escritos com espírito de profecia incluído no catálogo das Sagradas Escrituras. E, por isso mesmo, o livro é chamado de Revelação, pois é através dele que se pode desvendar as obras de Cristo que, neste momento de plenitude dos tempos, estão completas ou estão se completando.

O meu Pai, na verdade, opera até agora, e eu também opero (Jo 5,17). Há muito tempo, o Pai operou através dos pais (Cf. Heb. 1,1), e agora também Cristo opera através dos filhos, *a fim de que todos honrem o Filho do mesmo modo que honraram o Pai* (Cf. Jo. 5, 23). Na realidade, não é em vão a *roda na roda* (Cf. Ez. 1,16; 10, 36),¹ posto que o Novo Testamento procede do Antigo ou a inteligência espiritual procede da letra, no momento em que a chave de toda nossa fé está assentada na confissão do Pai e do Filho.² Não há dúvida que, em terceiro lugar, esperamos por um tempo futuro, onde *não seremos casados nem casadas*, não

Tradução e notas de Noeli Dutra Rossatto – UFSM.

Para a presente tradução, segue-se a seguinte edição crítica: GIOACCHINO DA FIORE – *Introduzione all'Apocalisse*. Prefácio e texto crítico de Kurt-Viktor Selge. Edição bilingüe com tradução italiana de Gian Luca Potestà. Centro Internazionale di Studi Gioachimiti San Giovanni in Fiore. *Opera di Gioacchino da Fiore*: teste e strumenti 6. Roma, Viella, 1995, 65pp. Conservamos as notas da tradução italiana de Gian Luca Potestà, seguidas das iniciais (GLP) entre parênteses, diferenciando-se conquanto daquelas notas que introduzimos. No trabalho com o texto italiano, pude contar com a colaboração da acadêmica do Curso de Filosofia (UFSM) Marieli Denardi Doleski, à qual sou grato.

¹ Cf. *Concordia Novi et Veteris Testamenti*. Venedig, 1519, reedição fac-símile: Frankfurt, Minerva, 1964, f. 7b (*Abbot Joachim of Fiore: Liber de Concordia Novi ac Veteris Testamenti*. Books 1-4. Edited by E. Randolph Daniel. Transactions of the American Philosophical Society, vol 73, pt. 8. Philadelphia, The American Philosophical Society, 1983, p. 60ss). Também: *Enchiridion super Apocalypsim*. Edited by Edward Kilian Burger. Toronto/Ontario, Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1986 (Studies and Texts), p. 60ss, que corresponde ao *Liber introductorius* da *Expositio in Apocalypsim*. Veneza, 1527, com reedição fac-símile: Frankfurt, Minerva, 1964, f. 2d-3a.

² A partir da visão do profeta Ezequiel, Joaquim constrói a Figura da «roda no meio da roda» (*rota in rotae*), que consta na Tavola XV, do *Liber Figurarum*. Cf. OLIVERIO, S. *Gioacchino Abate de Fiore*. San Giovanni in Fiore, Amministrazione Comunale di S. G. in Fiore/Centro Internazionale di Studi Gioachimiti, 1998, p. 67; REEVES, M. and HIRSCH-REICH, B. *The 'Figurae' of Joachim of Fiore*. Oxford, At the Clarendon Press, 1972, Figura 28 ao final. Esta figura é de fundamental importância para a compreensão do lugar dos livros apocalípticos (de Daniel, Ezequiel e João) no pensamento joaquimita e na história bíblica efetiva.

geraremos nem seremos gerados, *mas seremos assim como os anjos de Deus no céu* (Mt. 22, 30; Mc. 12, 25; Lc. 20, 36) e – diz – *seremos filhos de Deus, como filhos da ressurreição* (Lc. 20, 36).

Teremos certamente corpos espirituais, repletos do próprio Espírito divino, de modo que a confissão da devoção que temos ao Pai e ao Filho, acrescida de uma perfeita completude no Espírito Santo, não necessite mais de alguma outra perfeição, pois possuiremos em nós a verdade das coisas que, durante este tempo, assegurará a nossa esperança. Porquanto, era assim oportuno que, depois do pecado do primeiro homem, pela sua condição, o gênero humano voltasse gradativamente a conhecer o seu Criador, de tal modo que, num primeiro momento preciso, lançasse raízes no Pai, num segundo, germinasse no Filho, e, num terceiro, experimentasse a doçura do fruto do Espírito Santo; assim, depois de um longo tempo conduzido à alegria celeste, o gênero humano poderá gozar de muitos modos, e nele crescerá o regozijo da glória alcançada, quando se recordar das aflições suportadas em terra estranha.

O primeiro Testamento então diz respeito a Deus Pai, pois foi através dele que Deus Pai se revelou aos pais. O segundo refere-se ao Filho, porque foi através dele que Cristo se manifestou aos filhos dos patriarcas, quer dizer, a nós. O Espírito Santo, que é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, na verdade, foi dado aos apóstolos de forma extraordinária no dia de Páscoa (Cf. Jo. 20,22ss), de maneira tal que eles não esperavam naquele momento em que lhes foi dado, a não ser pela razão mística que faz com que o dia de Pentecostes marque o último dos dias da solenidade (Cf. II Esd. 8, 18). Para dizer concisamente aquilo que pela sua dignidade não deve ser resumido em poucas palavras: o fato de que o Espírito foi dado deste modo no dia de Páscoa – de um modo tal que nada pudesse ser visto com os olhos, nem, como sucede depois, a sua grandiosa força pudesse ser sentida, enquanto que no dia de Pentecostes línguas de fogo serão vistas pelos olhos, um som será escutado pelos ouvidos (Cf. At. 2, 2-6), e mesmo a grandiosa força do amor e da sabedoria será sentida –, certamente não indica nada mais que o que temos assegurado com fé e esperança. Que outra coisa tem de seguro à nossa fé, senão a crença de que os batizados em Cristo morrem para o pecado e ressuscitam pela justiça na forma da paixão e da ressurreição do Senhor, e que o Espírito Santo é concedido a todos os católicos batizados? Pois agora recebemos o Espírito Santo mediante a imposição das mãos daqueles que, no dia de Páscoa, foram redimidos dos pecados através dos apóstolos (Cf. Jo. 20,23), mas, no futuro, também esperamos recebê-lo na glória e na felicidade, segundo a plenitude e a virtude dos seus dons.

A despeito disso, a história literal nos sugere, à viva voz, as obras do testamento transcorrido, para que a raiz da nossa fé estivesse verdadeiramente apoiada num sólido fundamento. De fato, as obras do Novo Testamento eram ainda futuras quando Cristo veio ao mundo; e porque naquele momento não podiam ser escritas de modo histórico, foram condensadas por meio de palavras proféticas no livro do Apocalipse, de tal sorte que as idades juvenis pudessem aprender, voando como a andorinha (Cf. Jer. 8,7), a tomar para si um alimento espiritual, e a rejeitar desde já

a sabedoria de carne das palavras históricas, que são como um cadáver. Por certo, no futuro, encontrar-se-á menos não só as palavras históricas, que são saber de terra, mas também cessarão as palavras místicas, providentemente apresentadas por figuras e enigmas, posto que veremos a face de nosso Deus não mais através de figura alguma senão no Espírito. Com efeito, resultaremos similares a Ele próprio, como diz João: *sabemos que, quando se manifestará, seremos semelhantes a Ele, porquanto o veremos como Ele é* (I Jo. 3,2).

Dizemos estas coisas para que possamos entender o conteúdo do livro do Apocalipse e explicar claramente qual é a intenção da obra. Na verdade, para Deus é fácil conceder aos que pedem aquilo que Lhe foi pedido, desde que a fé preceda o motivo do pedido, entretanto, se não acreditarmos que há em algum lugar um tesouro, a mente se recusa a escavar, e desde já a atormentar-se com vãs fadigas.

2. Agora é o momento de considerar o percurso dos tempos passados, nos quais as obras do Antigo Testamento foram impressas nos volumes sagrados, a fim de que conseguíssemos entender de modo diferenciado também aquelas obras da sexta idade, as quais contêm em si toda a plenitude do Novo Testamento. Isso para que, num primeiro momento, pudéssemos simplesmente expor, depois de comprovar com apropriada autoridade e sob a guia de Cristo, de que modo cada um dos tempos estão associados a cada uma das partes do Apocalipse.

Ordinariamente, a Igreja afirma que são apenas seis as idades do mundo,³ da mesma maneira que Deus fez todas as suas obras em seis dias. A sétima não consiste de fato numa obra, mas foi dada para a quietude das almas. São, pois, seis as idades do mundo, segundo a obra; cinco delas pertencem ao Antigo Testamento, a sexta ao Novo Testamento. Nós somos, de fato, como diz o apóstolo, *aqueles que vieram no final dos tempos* (I Cor. 10,11). Deste modo, a primeira idade, iniciada em Adão, será concluída no tempo do justo Noé; a segunda será concluída em Abraão; a terceira, em Davi; a quarta, no cativeiro da Babilônia; a quinta, com a vinda do santíssimo salvador ao mundo; a sexta teve início com Ele próprio. Tais coisas não eram conhecidas tão logo Deus onipotente as havia disposto, porém passaram a ser conhecidas no momento em que começou a sexta idade, depois de Cristo ressurgir dos mortos, onde finalmente se abriu a mente dos discípulos a fim de que eles compreendessem as escrituras (Cf. Lc. 24, 27). Estas coisas, no entanto, já haviam ocorrido. Aquelas que viriam a ocorrer futuramente no Novo Testamento, com certeza já estavam contidas dentro de seu núcleo e não podiam ser conhecidas nem discutidas, salvo se em espírito de profecia.

Como nós mesmos podemos ver, ainda não havia chegado o momento futuro, quando, depois dos apóstolos e dos evangelistas, fora enviado algum profeta para que reunisse as histórias eclesiásticas e lhes desse algum significado, como outra ocorria no Antigo Testamento, pois, uma vez que o povo estivesse livre para contemplar, não mais estaria obrigado, como o povo Hebreu, a permanecer sob

³ Cf. AGOSTINHO. *De civitate Dei*. 22,30.

um preceptor (Cf. Gal. 3, 24s.). Quando o espírito de profecia fala, o investigador das escrituras fica com certeza ensombrecido e, dentro em breve, apenas ao supor algo, empalidece, como que obnubilado por algum poder. É por isso que se diz dos animais santos: *mas quando uma voz soprava sobre o firmamento, que elevava-se acima de suas cabeças, mantinham-se parados e abaixavam suas asas* (Ez. 1, 25; cf. 10, 1). Ao penetrarmos os mistérios para contemplar os seus segredos, certamente seremos elevados ao alto dos céus como se tivéssemos penas; mas quando, de repente, ressoar uma voz sobre o firmamento, pousaremos as asas, pois que, por mais que o homem esteja repleto de graça, é necessário que silencie e detenha sua voz, quando o próprio espírito fala profusamente. Portanto, por mais que os animais santos tenham penas para contemplar, as quais lhes permite entender aquilo que está posto sob o firmamento, isto é, sob os volumes das Sagradas Escrituras, contudo, ao soprar uma voz sobre o firmamento, eles abaixam as asas, porque, se, às vezes, o espírito de profecia transmite aos profetas algo que não se encontra nos textos sagrados, em breve a sua contemplação fica interrompida e subitamente a sua liberdade sucumbe, para que o Espírito Santo possa ser venerado. No entanto, raras vezes isto acontece no Novo Testamento, e, mais raramente é aceito, para que possamos avançar livremente na contemplação e evitar as cantilenas dos falsos profetas.

Precisamente por este motivo, aquele (João Evangelista) que quase todo mundo reconhece como sendo o predileto de Cristo e o camareiro da corte celeste, deveria escrever uma profecia geral (o Apocalipse) para o conhecimento das provações deste tempo, de modo que a Igreja dos cristãos soubesse excluir as novidades profanas e fugir das estranhas profecias contrárias a essa.⁴ Quem quer ameaçar com o iminente final do mundo, sob os ciclos dos anos, debilitando com temor infrutífero os corações hesitantes, promete milhares de anos em troca de que lhes seja concedido permanecerem amarrados aos prazeres. Tu que custodias a forma e a medida da Escritura, a ti concedida, compreende devotamente o quanto elucida aquele que tem a chave (Cf. Apoc. 3,7; 5, 2-5), anunciando humildemente a todos aqueles aos quais é denegado o acesso. Não deves tu extinguir o espírito, mas permita-lhe provar se vem de Deus (Cf. I Tess. 5, 19-21). Com efeito, está escrito no livro do profeta Daniel: *vá Daniel, porque estas são palavras fechadas e lacradas até o tempo preestabelecido* (Dan 12,9). Na verdade, *muitíssimos recorrerão e o conhecimento será aumentado* (Dan. 12,4). E quem disse isto, de fato, proibiu que o espírito fosse sufocado. Porém, aquele que disse: *Não acredite em todo o espírito, mas examine se ele vem de Deus* (I Jo. 4,1), mostrou-se sem dúvida cauteloso no discernimento.

Entretanto, para que agora possamos refutar as conjeturas falsas e, se o Senhor permitir, perscrutar assim a profundidade deste livro, antes de tudo devemos considerar o seguinte: da mesma forma que a totalidade dos seis tempos se es-

⁴ Cf. *De prophetia ignota*, ed. B. McGinn, em *id. Joachim and the Sybil, in 'Citeaux'*, 24 (1973), pp. 97-138; *Concordia, praephatio*, ff. 3c-4a (Daniel, pp. 11-14). Também, *Introduzione all'Apocalisse*, ed. cit., p. 10ss.

tende por seis grandes idades, também a sexta idade, que é a presente, está, por assim dizer, subdividida em seis pequenas idades. E como o rolo total das Sagradas Escrituras estava envolto em sete selos, assim também neste livro reluzem sete aberturas em torno das quais está recolhido o conhecimento de ambos os testamentos; e, com a finalidade de apresentar àqueles que buscam a fé, há algum tempo já os transpôs em figuras.⁵ De qualquer maneira, do patriarca Jacó até Cristo, mostram-se sete tempos, cada um deles diferenciados por novas batalhas, nos quais está recolhida a Escritura veterotestamentária; e, paralelamente, a partir do término destes eventos⁶ e da revelação deste livro, em seguida reunimos mais sete: do advento de Cristo até o fim do mundo. Dado que, de fato, só no final da quinta idade isso tudo resplandece claramente, pois que o revelara Cristo senhor, as obras realizadas nas cinco idades foram espirituais. Apenas no final da quinta abertura é então possível desvendar racionalmente aquilo que o livro do Apocalipse mantinha guardado nos tempos da Igreja.

De resto, tudo o que dissemos sobre os sete tempos, iniciados no patriarca Jacó, estão recolhidos por uma outra inteligência, de tal modo que os dois testemunhos procedem de maneira maravilhosa de êxitos diversos, mas convergem em um só significado. Indubitavelmente, causa-me fadiga expor estas coisas, queira os céus que não seja ainda mais obscuro para quem as escuta. E para que isso não se torne ainda mais penoso, é melhor sofrer antes detendo-se um pouco mais nos fundamentos que depois caso a casa posta em cima deite por terra.

3. Se quisermos chegar à doçura da noz é necessário remover primeiro o invólucro exterior, depois a casca, e assim chega-se em terceiro lugar ao núcleo. De igual modo, o mistério que trataremos agora está coberto de forma extraordinária por uma dupla vestimenta, como se fosse de lã e de linho. E num terceiro plano, subsiste a viva carne que é o que realmente buscamos. É preciso, pois, remover a túnica para que apareça o linho, remover o linho para que apareça a carne. É preciso, pois, abrir o sepulcro para que apareçam os panos de linho de Cristo (Cf. Lc. 24, 12; Jo. 20,5ss), rasgar os panos para que daí surja Cristo vivo. Certamente, quando o sepulcro for aberto, desvelar-se-á este mistério universal contido por inteiro em seu interior. Os panos serão rasgados no momento em que se chegar ao segundo gênero do mistério, que está contido nos selos. Pois, Cristo, que é a verdade, dá a conhecer a inteligência espiritual.

a. Portanto, a propósito da primeira série geral dos tempos é necessário observar primeiramente que ela admite uma divisão por cinco e por sete partes, isto é, por cinco idades que, por certo, se estendem de Adão até Cristo; e por sete pequenas idades, construídas pelas porções da sexta idade. Grande é este mistério, e é sacramento de fé e verdade. Escavemos um pouco mais fundo aqui, a fim de que isto receba um fundamento sólido. Mesmo que, de fato, não reste dúvida

⁵ Cf. REEVES, M. and HIRSCH-REICH, B. *The 'Figurae' of Joachim of Fiore*. Oxford, 1972, pp. 75ss (GLP).

⁶ Cf. *Enchiridion*, II, 1245-1264.

que, de Adão até Cristo, se passaram cinco idades, e ainda que seja também provado por este livro que a sexta idade deverá ser subdividida em pequenas idades, acreditamos, mais para dar satisfação sobre este ponto aos que crêem com menos facilidade, que vale a pena produzir provas em uma outra direção e reforçar de modo plausível com outros testemunhos, também verídicos, aquilo que por si só já está atestado de forma evidente.

Para todos os católicos é bastante claro que foram doze as tribos que, por comando divino, se dividiram na terra de Canaã (Cf. Jos. 12,16; 13,7ss; 18, 5-7-10ss). Cinco destas tribos, ao que parece as maiores, receberam por primeiro a herança. Por último, sete tribos se distribuíram na terra por sorteio. São estas as cinco tribos: a de Rubem, a de Gad, a de Manassés e a de Efraim juntamente com Judá. As cinco tribos designam, pois, as cinco idades do mundo; as sete, que na verdade receberam a herança por último, indicam as sete partes desta sexta idade, que recebemos por herança agora no final dos tempos, e na qual permanecemos. Com cuidado e minúcia, o homem sábio procura saber por que encaminham-se, divididas e ordenadas de igual modo, tal qual a obra de uma grande sabedoria, duas tribos e meia na direção da região oriental do Rio Jordão e duas tribos e meia na outra direção? Admirem o grande e evidente mistério, em nada diferente nos dois casos! Sem dúvida, de modo conveniente e evidente, duas tribos e meia separaram-se na direção da parte oriental, porque duas idades e meia – de Adão até Moisés –, estiveram privadas da lei; duas e meia – de Moisés até Cristo –, estiveram sob a lei. E deste modo as sete tribos, que significam a multidão dos fiéis, segundo a medida septiforme da graça (Cf. Is. 11,2s), receberam a herança por último.

O novo mistério da Igreja concorda com aquele do antigo na medida em que afirmamos que foram cinco as igrejas principais, a saber: a romana, a constantinopolitana, a alexandrina, a antioquena e a de Jerusalém.⁷ Delas, afirma-se pela boca do profeta: *haverá no Egito cinco cidades que falarão a língua de Canaã; uma delas será chamada a Cidade do Sol* (Is. 19,18). Assim, a tribo de Rubem concorda com a igreja de Jerusalém,⁸ já que ambas perderam o direito à primogenitura. Rubem, porque profanou o leito do pai (Cf. I Par. 5,1; Gn. 49,4; 35,32), a igreja de Jerusalém, porque, com a impura semente da palavra, esforçava-se para judaizar os fiéis (Cf. At. 15, 1-5) que provinham dos gentios. Gad recebeu a herança em segundo, depois de Rubem; em segundo foi fundada a igreja antioquena, depois da igreja de Jerusalém. Manassés foi o primogênito de José, mas a ele foi anteposto o seu irmão mais novo, Efraim (Cf. Gn. 48, 14-19); num primeiro momento, vinha mencionada como primeira a igreja alexandrina, mas agora menciona-se como primeira a de Constantinopla, que é a mais nova. Se se observar com atenção, a tribo de Judá, tribo real, na qual, como é sabido, foi fundado o templo, está relacionada com a igreja romana, à qual Deus deu o régio sacerdócio (Cf. I Pe. 2,9). Esta é, de fato, a Cidade do Sol. É esta a própria igreja de Cristo. As sete

⁷ Cf. *Enchiridion*, II. 2088ss e 2345.

⁸ Cf. *Enchiridion*, II. 2185ss.

tribos, ao contrário, dizem respeito às sete igrejas de João (Cf. Apoc. 2-3), de modo tal que ambos os testamentos afixam uma única verdade.

Certamente, aquilo que significam as cinco igrejas principais, significam as cinco tribos; aquilo que significam as sete tribos restantes, significam as sete igrejas fundadas pelos apóstolos na Ásia. Porquanto, seja nas cinco tribos, seja nas cinco igrejas, estão designadas as cinco idades do mundo, de Adão até Cristo e daí até o fim da época apostólica, quando acabou a circuncisão do povo, do que está escrito: *comereis as colheitas muito antigas, e, sobrevindo as novas, lançareis fora as velhas* (Lev. 26,10). Os mantimentos velhos, de fato, não foram jogados fora tão logo a nova plantação começou a crescer, mas aguardou-se durante muito tempo até que ela já estivesse crescida. Decerto, as sete tribos e as sete igrejas designam a descendência dos últimos tempos, os quais avançam por série e passam por sucessão do primeiro advento de Cristo até o fim; e a respeito dos quais, como já foi dito anteriormente, expõe o livro do Apocalipse. Dado que as cinco idades do mundo têm as suas próprias histórias, naquele momento a obra dava conta dos eventos aludidos. Como já dissemos, este livro foi dado precisamente para esta sexta idade, e assim está subdividido ou ordenado por partes, do mesmo modo que esta idade aparece dividida em suas obras.

Acreditamos, contudo, que, para afirmar isto, são suficientes duas testemunhas que concordam entre si de modo admirável. Conforme está escrito: *na fala de duas ou três testemunhas estabelecer-se-á toda a palavra* (Mt. 18,16); porém, sob a guia de Cristo, daremos também uma terceira. Ainda que o poder e o querer sejam a mesma coisa para o Filho de Deus, podemos ler contudo que ele uma vez teve fome, e que certa vez, quando estava com os discípulos, teve sede, mas não podemos ler que ele alimentou a multidão, salvo em dois casos. Em quaisquer dos casos, foi para ensinar, de acordo com o princípio de que a sabedoria não faz nada fora da sabedoria, que, em sua própria obra, isto era a sabedoria do Pai. Primeiro abençoou os cinco pães, pães que na verdade não eram de fermento, senão de cevada (Cf. Jo. 6,9ss; Mc. 6,41; Mt. 14,17; Lc. 9,16);⁹ em seguida abençoou sete pães que, segundo acredita-se, não eram de cevada, mas de trigo (Cf. Mc. 8,5; Mt. 15,36). E o que quer indicar os cinco pães, senão os cinco livros de Moisés, ou seja, os cinco livros históricos que o Espírito divino deu ao jovem povo Judeu nas cinco idades do mundo, para indicar algo? Que indica na realidade os sete pães, senão este livro, o único entre os outros que está escrito com a arte septiforme do Espírito?

O senhor abençoou, pois, os cinco pães no momento final da quinta idade, período em que ainda não estava composto este livro. Agora, ao abrir-se o quinto selo, também são abençoados sete pães, a fim de que a multidão, que *já há três dias* (Mc. 8,2; Mt. 15,36) o segue, não se deixe cair ao longo do caminho sem ter o que comer, depois de haver consumido quase todos os restos do pão de cevada. Não que lhes falte a própria exposição para ler,¹⁰ mas porque de algum modo o

⁹ Cf. *Enchiridion*, II. 1977 e 2040ss.

¹⁰ Cf. *Expositio, prologus*, f. 1c.

delicado ânimo requer novas iguarias, e embora já esteja saciado com muitas iguarias, ainda assim deseja provar aquilo que não conhece. Certo é o que se diz dos sábios: *a vista não se cansa de ver, nem o ouvido se farta de ouvir* (Ecl. 1,8). Do mesmo modo que a carne, por mais saturada que esteja de tanta comida, não deixa de desejar o alimento, também a alma não cessa de desejar, por mais embebida que esteja de tanta Escritura. E por mais que um homem seja forte e gordo, sem ter o que comer, enfraquece, e debilitado de suas forças se cansa; também a mente humana, ainda que saiba muitas coisas, deseja mais, e se restabelece melhor com o que foi aprendido mais recentemente do que com aquilo que normalmente leva ao estômago da mente. No texto da *Concórdia*, mostra-se de forma melhor e menos pesada o que na verdade significam os três dias. São, pois, aqueles três dias depois dos quais Jesus Cristo foi encontrado pela mãe no templo (Cf. Lc. 2,46); são estes aqueles três anos depois dos quais Absalão, após ser rejeitado, voltou a ser chamado por Davi (Cf. II Sam. 14,28ss).

Mas deixemos estas coisas no invólucro externo da noz, para mostrar agora algo de sua casca, de maneira que, num terceiro momento, possamos extrair um viscoso alimento.

b. Desde Moisés até João Batista, pode-se ler que se cumprem justamente sete tribulações, do que está escrito: *vos ferirei sete vezes por causa dos vossos pecados* (Lev. 26,24). Porém, nota-se que as duas últimas tribulações estão compreendidas numa única, haja vista que, em sexto lugar, deve-se recolher um duplo fruto. E isto está convenientemente indicado no Pentateuco de Moisés, quando, através daqueles eventos realizados de forma corporal por aquele povo, mostrou-se o que deveria ser realizado de modo espiritual. O fato é que Moisés pediu aos filhos de Israel (Ex. 16), quando subiram da terra do Egito, que, durante cinco dias pela manhã, recolhessem apenas um gômor do maná a eles enviado do céu; e que somente no sexto dia recolhessem em dobro: um gômor para aquele mesmo dia, um outro para o sábado, no qual não era lícito ajuntar. E assim durante seis dias recolheriam eles sete medidas de maná.¹¹ Aquele maná caído do céu representava a divina escritura, que fora colhida precisamente dos seis tempos da empreitada daquele povo, a fim de que num tempo oportuno reconfortasse a mente dos espirituais. Há, com efeito, um tempo para recolher e um tempo para comer (Cf. Ecl. 3,2ss). Outros recolheram, e nós de forma indigna e sem mérito entramos nas suas obras (Cf. Jo. 4,38).¹²

Nos cinco dias em que foram recolhidas as cinco medidas (gôor) de maná, sem dúvida estão indicados os cinco tempos nos quais foram abertos cinco selos. O maná significa na verdade as palavras espirituais que desceram do céu. Além disso, no sexto dia, eram recolhidas duas medidas, porque na abertura do sexto selo se realizam simultaneamente dois mistérios, a saber: na abertura do sexto selo, se revelam o sexto e o sétimo selo. No entanto, o sexto precede o sétimo.

¹¹ Cf. *Enchiridion*, I. 241.

¹² Cf. *Concordia, praephatio*, s.n. (Daniel, p. 15).

Ainda foi prescrito de maneira justa que a cada dia fosse consumido inteiramente apenas um gômor (Cf. Ex. 16,19s), para que nada restasse ao amanhecer, já que aquelas escrituras que indicam a obra divina a cumprir-se no tempo, sem dúvida alguma cumprem-se uma depois da outra ao seu devido tempo. E o maná que foi conservado até o amanhecer e acabou podre, que outra coisa pode significar senão que toda a escritura se realiza no seu tempo, e que, para aquele que espera além do sinal dado, o que virá será para o juízo e não para a justiça (Cf. Mt. 12,39; 16,4; Lc. 11,29)? Na verdade, de alguma maneira apodreceu no coração dos judeus aquele maná que anunciava Cristo futuro, e dele saíram os vermes para o seu julgamento e a sua condenação, de acordo com o que diz o Senhor: *a palavra que vos anunciei, ela mesma, julgar-vos-á no último dia* (Jo. 12,48). Com efeito, a palavra de Deus é o alimento de maná para os fiéis que acreditaram ou é o verme e a pena condenatória para os que não acreditaram. Ora, eis que tudo quanto foi escrito, onde quer que seja, sobre o que esperamos, se deve cumprir no tempo presente. Se se acredita, é maná e bebida de salvação; caso contrário, se for guardado para o futuro, apodrecerá; e, para os que não acreditam, de lá sairá uma espécie de verme para seu juízo e sua ruína.

Pode-se ler que, de fato, são sete as batalhas gerais que se realizaram durante o tempo da Lei, conforme está escrito: *em seis tribulações, te libertará, e na sétima já não te tocará o mal* (Jó 5,9). Estão narradas seis tribulações, haja vista que duas delas foram reunidas numa só. Por isso, estão aludidos sete combates, mas apenas seis deles são realmente narrados, já que a Igreja dos eleitos foi instituída, provada, purificada e liberada em seis tribulações, e, na sétima, o mal já não lhe toca, porque ela descansa de todos os seus trabalhos (Cf. Apoc. 14,13). Compreende-se quais são, pois, os sete combates, através da seqüência das histórias: o primeiro é o dos egípcios; o segundo dos cananeus, o terceiro dos sírios, o quarto dos assírios, o quinto dos caldeus, o sexto dos medos contra a Babilônia e contra os filhos de Israel, aquela parte restante que parecia haver sido morta no quarto tempo dos assírios (Cf. II Rs. 17). O sétimo foi o combate dos gregos, quando o rei Antíoco profanou a cidade santa e o templo (Cf. I Mac. 1,56s), e aqueles que puderam fugir, trasladaram-se para os escondidos lugares montanhosos.

c. Portanto, são estes os sete selos com os quais o livro estava lacrado, para que não se soubesse o que significavam, até que Cristo o abrisse. Cristo o abre depois que se realizam as obras nele designadas. Pergunta-se, com efeito, que tipos designavam os egípcios? Estes novos egípcios revelam-se piores que os outros: Cristo senhor e os apóstolos serão perseguidos, e os fiéis serão mantidos prisioneiros das obras da carne, sendo-lhes proibido de introduzir a liberdade da graça e de seguir pregando ao povo gentio. Assim, a primeira batalha da Igreja ocorreu com os judeus, uma espécie de novos egípcios, batalha na qual foi seguramente aberto o primeiro selo.

Eis que já é visível o núcleo que estava encoberto pela casca: aparece a verdade viva, que os panos envolviam no sepulcro. Quem acredita que é assim, basta-lhe o que brevemente foi tratado. Quem, ao contrário, exige para si uma prova

mais contundente e digna de fé, tem de esperar o conjunto da obra, para saber o que julgar e o que condenar. Mesmo que ninguém duvide que tudo a Deus é possível, muitos contudo supõem que não pode ser realizado aquilo que sabem ser possível. Mas passemos aos outros selos, mostrando – não explicando – de que modo foram abertos por Cristo Senhor ao longo dos tempos estabelecidos. O segundo selo contém as guerras dos cananeus, em lugar das quais na Igreja se dá a luta dos pagãos. Portanto, o segundo selo foi aberto no tempo dos pagãos. No terceiro selo, estão contidas as batalhas dos sírios e de outros povos, no lugar das quais, na Igreja, ocorrerá a batalha dos persas, dos godos, dos vândalos e dos lombardos.¹³ O quarto selo contém certamente a guerra dos assírios, no lugar da qual contra a Igreja surgiram os sarracenos, gente perniciosa, que, no confronto com o povo cristão, fizeram tal qual os primeiros ao confrontarem-se com o povo de Israel. Segue-se, sob o quinto selo, as batalhas dos caldeus, no lugar das quais os novos caldeus e a nova Babilônia, irão perseguir a Jerusalém espiritual. O quinto selo foi então aberto no quinto combate. O sexto selo, por outro lado, contém a derrota da Babilônia e a segunda perseguição dos assírios, assinalada no chamado livro de Judite, no lugar das quais, no sexto tempo da Igreja, será compreendido um tempo similar, conforme está demonstrado na sexta parte do livro. Segue-se, sob o mesmo selo, o feroz assalto de Antíoco; na Igreja, seguir-se-á a tribulação do anticristo, que porá fim a todas as batalhas. O sétimo selo põe fim à Lei; a sétima abertura mostra que tudo está cumprido. Sob este selo, foi enviado João Batista, do qual se diz: *a lei e os profetas até João* (Lc. 16,16) Batista; sob aquele outro, predicava Elias, do qual se diz: *quando vier Elias, todas as coisas serão restabelecidas* (Mc. 9,11). E o profeta (Malaquias): *eis, vos mandarei Elias, antes que venha o grande dia do Senhor* (Mal. 4,5).

No entanto, em oitavo lugar, no qual é aberto o primeiro selo, admite-se como sendo de fato o tempo da ressurreição do Senhor, em que o Espírito Santo foi dado aos cento e vinte fiéis (Cf. At. 1,15), e ornou aquela santa Igreja com os dons celestes, realizando antecipadamente a figura da Jerusalém celestial, que será tratada mais detidamente no final deste livro, na sétima parte da oitava seção.¹⁴

Parte II

1.a. Antes de dizer qualquer coisa sobre o livro do Apocalipse, devemos considerar que este livro está provido de um título, de uma saudação, de um prefácio; e que, além disso, vem delimitado por sete partes diferenciadas por tempos. O título está escrito antes da saudação. O prefácio vem escrito logo abaixo deste, até

¹³ Cf. *Enchiridion*, I. 1200.

¹⁴ Pode-se pensar aqui na grande *Expositio*, inicialmente projetado em sete partes (cf. *Incipit* da edição de Veneza, f. 26c-d), mas que está subdividido em oito partes. Também pode-se pensar no próprio Apocalipse, no qual a sétima parte (cap. 20-22) trata primeiramente do sétimo tempo da Igreja e depois da cidade eterna posta além do tempo. Este período supratemporal, o primeiro dia, como dia da ressurreição, já havia sido utilizado simbolicamente por Agostinho (*De civitate Dei*, 22,30): *"Haec septima (aetas) erit sabbatum nostrum cuius finis non erit vespera, sed dominicus dies velut octavus aeternus, qui Christi resurrectione sacratus est"* (GLP).

aquele local em que diz: e ao anjo da Igreja de Éfeso escreve (Apoc. 2,1). Porquanto, não apenas esta primeira parte, mas também cada uma das pequenas partes parecem estar precedidas por uma espécie de prefácio, que primeiro recolhe tal qual um lago e depois mana como um rio.

A primeira parte trata, pois, das sete igrejas; a segunda, dos sete selos; a terceira, dos sete anjos que tocavam trombetas; a quarta, da mulher vestida de sol e do seu parto, dos sete anjos saídos do templo do tabernáculo, levando sete taças cheias da ira divina para derramar sobre a terra. A sexta trata da ruína da Babilônia, da luta de Cristo e a Besta, e do falso profeta que com ela estava; e, por fim, da liberação do diabo, que seduzirá os povos. Não obstante, a sexta parte, como foi antes estabelecido, está dividida em duas e será tomada como duas. A sétima parte, no entanto, trata do juízo e da glória da cidade celeste.

1.b. Tudo isto está compreendido naqueles oito dias (Cf. Jo. 20,26) que, depois de ter ressuscitado dos mortos, o unigênito Filho de Deus consagrou com a primeira e a segunda aparição. A configuração disso é a seguinte: o primeiro dia da ressurreição corresponde à primeira parte; o segundo, à segunda; o terceiro, à terceira; o quarto, à quarta; o quinto, à quinta; o sexto, à sexta. Com efeito, falta o sétimo dia e em nenhuma parte do livro está ele mencionado, porque a sétima parte foi certamente adscrita ao oitavo dia.

1.c. Assim, a primeira parte ocupa-se da cura pastoral tipificada nas estrelas ou nos sete anjos; a segunda, dos conflitos dos mártires no mistério dos sete selos; a terceira, do conflito dos doutores na figura dos anjos que tocavam trombeta; a quarta, do conflito dos eremitas, das virgens e dos virgens,¹⁵ tipificada na mulher vestida de sol e naqueles que são de sua espécie. A quinta ocupa-se do zelo dos homens espirituais, que lutam contra a maldade do mundo que seus próprios olhos discernem. Na sexta, foi dada a sentença de morte contra a Babilônia, isto é, contra a maldade do mundo; e depois, contra as inúmeras pessoas que se insurgiram contra o nome de Cristo; finalmente, também contra o *filho da perdição* (Cf. II Tess. 2,3) e as pessoas que ele levou na batalha. E por fim está descrita, na figura da cidade preciosa, a glória do reino celeste depois de consumados os tempos.

2. Do ponto de vista espiritual, são cinco os grupos apontados neste livro: o dos apóstolos, dos mártires, dos confessores, dos virgens e das virgens, depois o da Igreja Universal dos clérigos ou dos monges e de todos aqueles que vivem piedosamente na unidade da fé. Contra estes o diabo enviou sua caterva de judeus, de pagãos, de arianos e de árabes, e por último uma turba universal de desesperados.

Os quatro animais – o leão, o boi, o homem, a águia (Apoc. 4,6s) – significam quatro grupos especiais: o leão significa a ordem dos apóstolos, o boi a dos márti-

¹⁵ Aqui seguimos a orientação de Gian Luca Potestà que, na versão italiana, traduz sistematicamente o termo '*virgine*' por 'os virgens e as virgens', em conformidade com aquilo que o próprio Joaquim observa mais adiante ao dizer que, com este termo, se refere a ambos os sexos.

res, o homem a dos doutores, a águia a dos contemplativos. Estas são as quatro cortes espirituais do rei do sul (Cf. Dan. 11,5ss), contra o qual o rei das águias dirigiu bestas muito ferozes, a saber: a leoa, o urso, o leopardo e outra cuja imagem Daniel não expressa (Dan. 7,4ss).¹⁶ Significam, com efeito, aquele gênero de perseguidores, do qual falamos acima, isto é, judeus e pagãos, arianos e árabes. Em quinto lugar está posta a *sede* (Apoc. 4,6), isto é, a Igreja Universal, da qual saem os homens espirituais ardentes de zelo, a fim de que possam dissipar as aflições provenientes das mesmas maldades da Babilônia. Com a quinta batalha, portanto, dá-se por encerrada a luta da Igreja. O que se segue depois, no sexto selo, é para que se possa quase ver a novidade do outro mundo.

Deste modo, o primeiro tempo foi dos apóstolos, o segundo dos mártires, o terceiro dos doutores, o quarto dos eremitas e dos virgens e das virgens, o quinto da Igreja Universal. O sexto tempo está, sem dúvida, reservado ao julgamento dos iníquos, no qual o povo de Israel será também convertido à fé num período de paz intermediário às duas últimas tribulações em que se verá a duplicada abertura do sexto selo. Do mesmo modo que outrora, arruinada a Babilônia, a antiga Jerusalém foi edificada *num tempo breve* (Cf. Dan. 9,25) e, pouco tempo depois, seguiu-se o terrível extermínio de Antíoco, agora também haverá algo similar no sexto tempo.

O tempo dos apóstolos e mártires chega até o imperador Constantino; o tempo dos doutores e daqueles que levam uma vida solitária chega até o famoso soberano Carlos; o tempo dos monges e dos clérigos vai deste mesmo soberano até o momento atual. Eis que, de todas as formas, se aproxima o tempo da grande tribulação. E quando se disser: *paz e segurança* (I Tess. 5,3), sublevar-se-á como um turbilhão. A temporalidade está, portanto, compreendida por seis idades do mundo; do mesmo modo, a sexta idade está delimitada por seis tempos.

3. Disto aqui, entretanto, surgem duas questões, que não são supérfluas nem estéreis. Alguém pode indagar: se os tempos especiais estão divididos em partes singulares, de que maneira cada uma das cinco partes pode estar ao mesmo tempo subdividida em sete partes? E ainda, se os tempos próprios estão divididos em partes singulares, como pode cada uma destas cinco partes subdividir-se em sete distinções? E se há um tempo próprio aos pastores, próprio aos mártires, próprio aos doutores, aos virgens e às virgens e igualmente à Igreja Universal, de que modo, no primeiro tempo, que se diz ser próprio aos pastores, houve um grande número de mártires, de doutores, de contemplativos e de cenobitas?

A isto responde-se: se as ordens individuais fossem enviadas separadamente em cada uma das idades, de tal modo que não houvesse nada de comum entre elas, não seria assim tão difícil entender o livro, nem tão complicado compreender a mudança dos tempos. Mas porque neste livro é diferente o que diz respeito à espécie do que concerne ao gênero, e em cada um dos tempos é diferente o que

¹⁶ Cf. a ampla interpretação no V Livro da *Concordia*, cap. 113-118 e no *De ultimis tribulationibus*, editado por K.-V. Selge, in *Id. Ein Traktat Joachims von Fiore über die Drangsale der Endzeit: De ultimis tribulationibus*, in *Florensia*, 7 (1993), pp. 7-35: II. 194ss. Também no *Enchiridion* (II. 546, 1174, 1745), encontra-se referido de passagemem.

está referido em especial do que está tomado em comum, pela mesma necessidade que faz com que isso seja assim, somos forçados a distinguir conforme o que é, com a finalidade de não entremeter o gênero na espécie e não confundir a espécie no gênero.

Por exemplo, a escritura menciona quatro animais, pelos quais foram designados os quatro evangelistas e as quatro ordens de santos: o leão, o boi, o homem, a águia (Apoc. 4,6ss). Eis que há quatro espécies, pois o leão não é um boi, nem o boi um homem, nem o homem uma águia. E contudo, por mais que seja assim, descobre-se que, segundo Ezequiel, cada animal tem quatro faces: é possível ver a de leão e a de boi, a de homem e a de águia (Ez. 1,6-10). Também se aprende, por conseguinte, que o leão participa das propriedades dos outros três, isto é, do boi, do homem e da águia; o boi, do leão, do homem e da águia; o homem, do leão, do boi e da águia; a águia, do leão, do boi e do homem. Assim, o tempo dos pastores ou dos apóstolos também teve mártires, doutores e virgens; o tempo dos mártires também teve pastores, doutores e virgens; o tempo dos doutores também teve pastores, mártires e virgens; e o tempo dos virgens também teve pastores, mártires e doutores. De igual modo, deve-se entender como pertencente ao quinto tempo, que antes afirmamos referir-se de maneira especial à 'sede',¹⁷ onde houver algo que porventura estiver agregado ao sexto, isto não criará nenhuma dificuldade.

Voltemos, pois, a tratar das ordens. A primeira ordem da Igreja é a dos pastores, primeira, digo, quanto ao tempo e a dignidade. Primeira no tempo, não porque decaiu logo após ter começado, a fim de que se iniciasse a segunda, mas é primeira porque foi iniciada por primeiro. Iniciou-se, pois, com Cristo: de Cristo a Pedro. Mais precisamente, este início se dá depois de Cristo, o príncipe de todos os pastores. E não é necessário demonstrar com palavras que a sua ordem é a primeira em dignidade, tendo em vista que não deve ser julgado católico quem sustentar que um cristão, por maior que seja o seu cargo ou a sua virtude, não está submetido ao romano pontífice.

Ora, se a ordem dos pastores é a primeira não só em dignidade mas também no tempo, de nenhum modo se pode acreditar que é por mero arbítrio que a primeira parte do livro (Apoc. 3-4) trata dos pastores, senão por exigência de um juízo de razão. Já que, na verdade, os pastores não são pastores para si mesmos, mas para a Igreja a eles confiada, nesta parte, aos pastores se unem as massas de fiéis, isto é, as igrejas, que designam a universalidade dos fiéis, conforme já explicamos acima, logo após haver mencionado as sete tribos.

Entretanto, porque a ordem dos pastores está compreendida pelo número sete? Pelo mesmo motivo que é possível ver que são sete os tempos para as sete ordens, e, nestes tempos, os pastores não deixaram de ser pastores. Portanto, o que se diz tempo próprio aos pastores é o primeiro tempo; o que se diz próprio aos mártires, o segundo; aos doutores, o terceiro; aos virgens e às virgens, o quar-

¹⁷ Isto é: a Igreja Universal, conforme atribuição anterior no texto de Joaquim.

to; aos monges, o quinto. Além disso, em sexto lugar, devem ser admitidos os conversos e os casados, cuja instituição todavia descende da ordem dos monges.¹⁸ Contudo, no primeiro tempo, todas as ordens, por assim dizer, estavam nesse momento na casa do pastor; no segundo, na casa dos mártires; no terceiro, na casa dos doutores; no quarto, na casa dos virgens e das virgens; no quinto, na casa dos monges; no sexto, na casa dos conversos e dos casados; estes dois, em sexto lugar, resplandecem quase juntos ao final.

Estando nestas condições, é fácil considerar agora o que foi próprio a cada um e de que modo todos eles se relacionam entre si. Foi próprio aos apóstolos exaurir a letra, para estabelecer o espírito; próprio aos mártires abandonar a idolatria, para estabelecer o culto ao único Deus; próprio aos doutores vencer as here-sias, para estabelecer a verdade de Cristo; próprio aos contemplativos eliminar a luxúria do mundo, a fim de que seja compreendida a alegria celeste; é próprio aos monges conter os indecisos e os inconstantes,¹⁹ para que seja conservada a virtude da unidade. São estas as cinco ordens principais, que estão associadas às cinco partes do livro; e com estas cinco estão compostas as cinco partes da cidade celeste,²⁰ às quais se agrega a ordem dos conversos como pertencentes ao subúrbio e a dos casados como pertencentes aos bairros, do que está dito: *por todos os seus bairros cantar-se-á aleluia* (Tob. 13,22). Portanto, dado que as ordens particulares resplandeceram nos tempos particulares, de modo apropriado os tempos particulares estão destinados às ordens particulares. Dado que todas as ordens se encontram em algum tempo e em qualquer batalha,²¹ justamente se admite que cada ordem particular tem alguma coisa em comum com as outras. Mas mostraremos isto melhor se repetirmos outra vez as mesmas coisas que dissemos.

4. A primeira é a ordem dos pastores, e por isto, na primeira parte, trata dos pastores, mas porque a mesma ordem, passando de tempo em tempo, participa da aflição de todas, uma só ordem está compreendida por sete anjos, a saber: o da igreja de Éfeso, de Smirna, de Pérgamo, de Tiatira, de Sardes, de Filadélfia e de Laodicéia. Se conseguirmos olhar com atenção, descobriremos nestas igrejas que o primeiro anjo se volta para o próprio tempo, isto é, para o tempo dos apóstolos; o segundo, para o tempo dos mártires; o terceiro, para o tempo dos doutores; o quarto, para o tempo dos virgens e das virgens; o quinto, para o tempo dos monges; o sexto, para o tempo dos conversos e dos casados. Em tais ordens, convém destacar sobretudo o seguinte: os apóstolos instituíram os evangelistas e os evangelistas os doutores, os doutores instituíram os contemplativos e os contemplativos os monges e os monges os conversos; e dos conversos, por imitação de suas

¹⁸ A instituição dos leigos convertidos, que prestam serviço ao mosteiro, e dos camponeses casados, que trabalham na terra, é vista como uma inovação do sexto período, o mais recente da História da Igreja. Evidentemente, a subdivisão dos períodos segue aqui uma perspectiva monástica (GLP).

¹⁹ No sentido da Regra de São Bento (cap. 1) e contra o problema, muito discutido no século XII, da fuga do claustro (GLP).

²⁰ Cf. *Enchiridion*, II. 2321-2335.

²¹ Cf. *Enchiridion*, II. 1923-1958.

boas obras, difunde-se aos casados.²² Disto se deduz que, geralmente, a única fé faz de duas ordens uma só; e, de acordo com isto, lemos que os primeiros diáconos coabitavam com os apóstolos (Cf. At. 6,2ss), mas vemos atualmente que coabitam com os bispos, assim como agora vemos os conversos morarem juntos com os monges da própria ordem.

Porque, com efeito, a segunda é a ordem dos mártires, precisamente a segunda parte tratará dos mártires. Esta ordem teve início em Cristo, quando ele suportou por nós as aflições, e de Cristo a Santo Estêvão (Cf. At. 7,57s), que, por primeiro devolveu a Cristo o que dele recebeu. Ainda na segunda parte, vê-se o cordeiro como que morto (Cf. Apoc. 5,6s), quer dizer, Cristo agonizante na cruz, que vem e recebe o livro da mão direita daquele que está sentado, quando sai da morte e ressurge dos mortos. Então, abre-se de fato a sepultura; abre-se também a mente dos apóstolos (Cf. Lc. 24,25ss), para que possam compreender as Escrituras. Nesta ocasião, começam a ser abertos os selos que foram lembrados acima. Porquanto, os sete selos são os sete mistérios da paixão, de modo tal que no sexto estão compreendidas simultaneamente duas paixões, indicando a paixão dos fiéis incluídos nos seis tempos, segundo aquela ordem acima explicada. Quatro destas paixões foram na realidade transcorridas: a primeira pelos judeus, a segunda pelos pagãos, a terceira pelos arianos, a quarta pelos sarracenos, a quinta em geral levada a cabo pelos filhos da Babilônia. A sexta e a sétima devem ser cumpridas na abertura do sexto selo (Cf. Apoc. 6,12-17), onde a sétima ainda não está expressa abertamente, mas, mesmo assim, está avaliada a partir das palavras escritas abaixo; de fato estarão postas à luz na sexta parte do livro (Apoc. 17ss – cf. 17,7-14). Por conseguinte, ao se completarem as seis batalhas, obtém-se a soma dos mártires: cento e quarenta mil de todas as tribos dos filhos de Israel (Apoc. 7,4ss), e depois disso, uma grande multidão, *que ninguém poderá contar* (Apoc. 7,9); e então levantar-se-ão *quatro anjos aos quais foi ordenado que danificassem a terra e o mar* (Apoc. 7,2; 9,15), durante a abertura do mesmo selo; e em seguida será então realizada a abertura do sétimo selo (Apoc. 8,1; 10,7), e virá o fim.

A terceira ordem da Igreja é a dos doutores, iniciada por Cristo e de Cristo ao apóstolo Paulo, e por isto, na terceira parte do livro, trata-se dos doutores, segundo a seqüência acima. Contra os primeiros pregadores hebreus, levantam-se os heréticos *que haviam acreditado* na seita *dos fariseus* (At. 15,5), e, reincidentes no erro, se tornam falsos apóstolos; contra os segundos, os nicolaítas (Cf. Heb. 6,5s.; II Cor. 11,13); contra os terceiros, os arianos; contra os quartos, os maometanos; contra os quintos, os paterinos (Cf. Apoc. 2,6-15);²³ contra os sextos, os falsos

²² Diz respeito à forma de piedade monástica que se prolonga dos leigos convertidos aos casados. Trata-se de um movimento que se desencadeou no mesmo período dos *Humiliati* e que, aprovado pela Igreja em 1201, forma a "ordem terceira", os terceiros. Cf. K.-V. Selge. *Humiliaten, in Theologische Realenzyklopädie*, vol. XV, Berlin-New York, 1986, p. 693 (GLP).

²³ Originalmente, paterinos (*paterini*) são os heréticos que só admitem o Pai-Nosso como oração. Na *Expositio in Apocalypsim*, Joaquim usa o termo '*pathareni*', que possivelmente esteja associado à heresia cátara ou albigense. Conforme assinala, o maniqueísmo cátaro, seguindo ao dualismo platônico, seria um novo gênero de heresia, '*qui vulgo dicuntur pathareni*', sustentado na tese de que

profetas (Cf. Apoc. 10,20) que ainda não têm denominação, e, ao final, o Anticristo com os seus ministros. Por último, o sétimo anjo tocando a trombeta consumará o mistério divino.

A quarta ordem da Igreja é a dos eremitas e dos virgens de ambos os sexos, e por isso, na quarta parte do livro, trata-se das virgens e dos virgens. Esta ordem teve início com a Virgem e o seu filho. Mas João foi dado a Maria como filho no lugar de Cristo (Jo. 19,26), porque a futura ordem virginal deveria crescer de acordo com ambos os sexos. Há, portanto, a mulher vestida de sol (Cf. Apoc. 12,1) que significa a igreja dos virgens: para o gênero feminino, foi iniciada com Maria; para os filhos da virgem, inicia-se com Cristo e de Cristo a João. O *dragão* é o diabo. As suas *sete* cabeças com *sete diademas* (Apoc. 12,3) são os sete reis, dos quais se diz na sexta parte: *e os reis são sete* (Apoc. 17,9); *os dez chifres são os dez futuros reis* (Apoc. 12,3; 17,12), que reinarão durante o mesmo tempo.

Repare as expressões e o tempo. Os anjos do dragão (Apoc. 12,7ss) são os perseguidores dos mártires. Miguel Pedro, e Miguel em Pedro, assim como o diabo em Herodes (Cf. At. 12,1ss; Apoc. 12,7), pois, ele próprio foi a primeira cabeça do dragão. Os anjos de Miguel e os santos mártires são aqueles dos quais se diz: *eles venceram-no pelo sangue do cordeiro e desprezaram suas vidas até aceitar a morte* (Apoc. 12,11). Esta batalha ocorre depois da ressurreição do Senhor, mas será consumada nos dias de Constantino. *A mulher*, na verdade, *foge para a solidão* (Cf. Apoc. 12,6), longe da face da serpente, e ali permanece *um tempo, dois tempos e a metade de um tempo* (Apoc. 12,14), o que não indica outra coisa que a totalidade do tempo da Igreja dividido por sete. O dragão foi então *lutar com o que restava da descendência* (Cf. Apoc. 12,17) da mulher, isto é, com os eremitas e os monges que viviam a castidade, ou mesmo com todos os fiéis. Com efeito, levantou-se do abismo *uma besta*, que *tinha sete cabeças e dez chifres* (Cf. Apoc. 13,1). E, apesar de que esta besta tivesse sete tempos, sua revelação está narrada na quarta parte, porque sua máxima força resplandece no quarto tempo.

Esta besta é a reunião dos infiéis que, de forma bestial, perseguiram os cristãos. Daniel a divide em quatro bestas (Cf. Dan. 7,4-7): a primeira como uma leoa; a segunda assim como um urso; a terceira semelhante a um leopardo, e havia uma quarta cabeça, que era diferente das outras. Assim, Daniel atribuiu a quatro bestas as sete cabeças que João atribuirá a uma só. João menciona deste modo a leoa, o urso e o leopardo: *e a besta que via era semelhante a um leopardo, os seus pés como os de urso e as bocas como as de leão* (Apoc. 13,2). No lugar da quarta besta de Daniel, João coloca na realidade os dez chifres (Cf. Apoc. 13,1; 12,3; 17,3-12). Estabelece-se o tempo próprio desta besta no ferocíssimo povo sarraceno, e por isso está na quarta parte do livro, porque a mesma é a quarta besta de Daniel, e esta perseguição surge no quarto tempo, a saber, no tempo dos eremitas e dos virgens e das virgens. Quando depois está dito que o chefe foi morto e de

todo corpo é uma criação do diabo (*omnia corpora esse creata a dyabolo*). Cf. *Expositio*, f. 130cd; e GREGORY, T. *Mundana sapientia. Forme di conoscenza nella cultura medievale*. Roma, Edizioni di Storia e letteratura, 1992, p. 270.

novo restituído à vida (Cf. Apoc. 13,3), isto mostra que, sendo os francos mais fortes militarmente,²⁴ os bárbaros seriam debilitados na batalha, e em seguida seriam quase todos prostrados e a maioria dos seus reduzidos à servidão dos cristãos. Veremos que a besta, que parecia quase morta, vai se levantar numa só cabeça, isto é, num só reino, e fará coisas tais que não se pode explicar com palavras. Em sua ajuda, virá uma outra besta que sairá *da terra* e terá *dois chifres parecidos aos de cordeiro* (Cf. Apoc. 13,11), e essa significa uma seita de falsos profetas, como mostra João mais abaixo (Cf. Apoc. 16,13; 19,10). Porquanto, assim como Lamnes e Mambres faziam sinais diante do Faraó (Cf. II Tim. 3,8; Ex. 7,11), e Simão mago diante de Nero, do mesmo modo estes farão diante da besta que sairá do abismo, isto é, da nação dos gentios, que o apóstolo também menciona duas ou três vezes (Cf. Apoc. 16,13s.; 19,20).

Depois de haver referido a primeira besta (Apoc. 13,11), que sobretudo no quarto tempo absorveu parte do povo cristão, São João, compelido pela necessidade, mostra o que fará esta besta no sexto tempo, afastando-se assim daquilo que havia começado a dizer sobre as virgens e sobre os virgens, para expor de uma vez tudo o que diz respeito à besta. Agora, porém, retoma aquilo que havia deixado de lado, e calcula o número das virgens e dos virgens em cento e quarenta e quatro mil, dos quais está dito: *estes são os que não se contaminaram com mulheres, pois são virgens* (Apoc. 14,4). Este número é assim tão elevado como também será o número de mártires associados aos doze patriarcas (Cf. Apoc. 7,4-8), de modo que naquela cidade os virgens assinalados serão tantos quantos os mártires, além de uma grande *multidão* que *ninguém poderá contar* (Cf. Apoc. 7,9), do que muito se fala e seria difícil discutir aqui.

Em primeiro lugar, é necessário então reconhecer a batalha de Cristo, na qual *foi arrebatado junto de Deus e de seu trono* (Apoc. 12,5). Em segundo, trata-se de Miguel e seus anjos (Apoc. 12,7), que anunciam a batalha dos mártires; e em terceiro, trata-se da perseguição do diabo, onde a Igreja foi perseguida no tempo dos arianos, e este mandou uma doutrina errônea *atrás da mulher*, tal qual *um rio de água* (Apoc. 12,15). Sabe-se que, em razão desta perseguição, muitos adquiriram asas (Cf. Apoc. 12,14), fugindo para o deserto, e mesmo que isto também haja ocorrido em outros tempos, evidencia-se de modo particular no quarto tempo. Em quinto lugar, é introduzido um anjo que anuncia a aproximação do julgamento do Senhor: *vi, diz, outro anjo que voava no ápice do céu, tendo um Evangelho eterno para anunciar aos habitantes da terra, e a toda nação, tribo, língua e povo; clamava em alta voz: temeí o Senhor e dai-lhe glória, porque chegou a hora do seu julgamento* (Apoc. 14,6). Em seguida, em sexto lugar, são considerados outros dois anjos, dos quais se diz: *e outro anjo seguiu-o, clamando: caiu, caiu Babilônia, a grande cidade, aquela que embriagou a todos os povos com o vinho da sua fornicção desenfreada. E um terceiro anjo seguiu-os, clamando: se alguém adorar a*

²⁴ Talvez diz respeito aos «francos», como principais sustentáculos das Cruzadas do séc. XII, ou às vitórias sobre os povos pagãos nos tempos de Carlos Magno. A designação dos sarracenos como «*gentes barbare*» parece ser inusual em Joaquim (GLP).

besta e a sua imagem, etc. (Apoc. 14,8). Depois, em sétimo lugar, vem indicado o sábado, quando diz: *e ouvi uma voz do céu, que dizia: "Escreve: ditosos os mortos, os que desde agora morrem no Senhor"* (Apoc. 14,13). Por fim, trata-se do final dos tempos, quando se realizará a colheita dos bons e a vindima dos maus (Cf. Apoc. 14,14-20).

A quinta ordem é a da Igreja geral, daqueles que levam uma vida em comum. De algum modo, vemos que esta ordem vem indicada simultaneamente no templo e no tabernáculo (Cf. Apoc. 15,5), porque em parte se realiza na Igreja e em parte nos cenóbios. O templo designa a Igreja solidificada na fé, o tabernáculo designa a vida cenobítica, pois não há aqui uma hereditariedade *permanente*, mas vamos em busca da *futura* (Cf. Heb. 13,14). Foi dito acima que, na verdade, *diante do trono, o mar de vidro é assim como um cristal* (Apoc. 4,6). Precisamente, a sede de Deus é tanto o templo quanto o tabernáculo. Aqui, por conseguinte, está mencionado o mar de vidro, mar do qual também foi dito estar *matizado de fogo* (Apoc. 15,2), porque o mar de bronze (Cf. II Rs. 25,13; Jer. 52,17) está cheio de água. No mar de bronze, com efeito, vem indicada a vida ativa, que é conveniente aos predicadores; naquele de vidro, de outro modo, está indicada a vida especulativa, que é própria daqueles que vivem nos claustros. Portanto, estes são aqueles que *enceram a besta e a sua imagem e o número do seu nome* (Apoc. 15,2). Apóiam-se sobre o mar porque aqueles que querem ser perfeitos necessitam vencer a besta desdenhando a vida na carne; necessitam colocar-se acima de sua imagem evitando os crimes dos pecados; e necessitam conseguir o número, para evitar a multidão dos corrompidos. *É o número de um homem*, diz ele, *e seu número é seiscentos e sessenta e seis* (Apoc. 13,18). Julgo ser uma prática supersticiosa afirmar de modo cabal a respeito do significado deste número, porque pode haver nele algo de obscuro, que só poderá ser conhecido no tempo em que a besta reinar. É suficiente saber atualmente o que indica a multidão dos corrompidos; e aqueles que conseguirem vencê-la são os que entoam louvores ao Senhor. Do templo do tabernáculo, saíram os *sete anjos* vestidos de jaspe ou de *pedra pura* (Apoc. 15,6), isto é, do novo homem que *foi criado conforme a Deus* (Cf. Ef. 4,24), e cingidos ao redor dos mamilos *com cintos de ouro* (Apoc. 15,6), isto é, conservando não só a castidade do corpo, indicada no revestimento das costas, mas também a da mente, indicada no revestimento dos mamilos e do peito. Estes são aqueles homens espirituais que se encarregaram de zelar pelo nome de Deus, os quais, com grande indignação interior, condenam os delitos do povo e se derramam como um fogo de zelo sobre a massa pecadora, conforme está escrito em Isaías: *endurece o coração deste povo* (Is. 6,10), etc. Na quinta parte do livro, portanto, a ira de Deus, chegando ao seu ápice, manifesta-se ao povo, conforme está escrito: *há três anos que venho procurando frutos nesta árvore e não os encontro. Portanto, corte-a* (Lc. 13,7ss). O agricultor suplica e lhe é concedido um quarto ano de indulgência. Mas, no quinto, corta-a sem hesitação. No que toca a Deus, portanto, o gênero humano será então abatido, quando, devido aos seus delitos anteriores e o seu coração impenitente, o Senhor os abandonar *aos seus caprichos* (Cf. Sal. 80,13; Sal. 105,29; Miq. 3,4).

As obras de Cristo são quatro: a natividade, a paixão, a ressurreição e a ascensão. Em termos de dignidade, vem por primeiro a ressurreição. A ressurreição refere-se à fé apostólica; a paixão, à paciência dos mártires; a natividade, à humildade dos doutores; a ascensão, à esperança dos contemplativos. Em quinto, vem o fogo divino sobre os que estavam congregados na unidade (Cf. At. 2,3s) e lhes ensina a equidade (Cf. Jo. 16,13). A caridade é, de fato, a plenitude dos mandamentos. Em quinto lugar, eleva-se ao auge a perfeição dos bons no fogo da caridade divina; em quinto lugar, o fogo da ira sobre a maldade dos pecadores chega ao seu ponto máximo. Este julgamento sobrevém, no entanto, em tempos singulares, porque cada tempo tem as suas próprias peculiaridades, mas é sobretudo neste quinto tempo que os eventos adquirem características peculiares.

5. A sexta parte está imputada ao tempo de coleta, e o *maná* (Cf. id. 6, 25-30; Ez. 15) ceifado na quinta parte será agora levado ao fogo. Nela (Apoc. 17-19), mostra-se, com efeito, o juízo da besta: de modo especial, principalmente daqueles homens que perseguiram a Igreja; em geral, onde quer que, na realidade, foram propagados os frutos da Babilônia. Quem fará isso? A besta com seu chifre. *Babilônia* (Apoc. 17-19) é o povo que se diz cristão, mas que não o é, que macula a terra do Senhor (Cf. Jer. 2,7; 16,18) e profana as coisas santas. O Senhor então erguerá contra a sujeira do povo uma gente terrível, como está designada na besta, e tal qual operários ceifarão muito maná para fazer o pousio, e o campo do mundo estará livre dos muitos espinhos. Assim, os eleitos começarão a ser consolados no Senhor, mas a besta lutará contra eles, e com ela, os falsos profetas. Então surgirá o Senhor em juízo, triunfará sobre aquela gente e haverá paz. A nova Jerusalém será, de fato, edificada num *tempo muito breve* (Cf. Dan. 9,25). Nos últimos dias, portanto, será liberado o diabo (Cf. Apoc. 20,2s) que há muito tempo estava acorrentado, e *ele seduzirá as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gog e Magog* (Apoc. 20,7), e as colocará contra a Igreja; virá, pois, *um fogo do céu* (Apoc. 20,9) e as devorará. Isso ocorre no final da sexta abertura, e então virá o sábado, depois da ressurreição pelo juízo (Cf. Apoc. 20,13), e naquele momento será revelada a glória da cidade celeste (Cf. Apoc. 21,2-10 e 22,5), à qual nos conduz o Senhor, que vive e reina por todos os séculos dos séculos.

Amém.